

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME III

XLV

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

OUTRAS FONTES PARA A HISTÓRIA DA MEDICINA BRASILEIRA (*).

LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas (SP).

Na comunicação intitulada "*Fontes para a História da Medicina Brasileira*" apresentada ao V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História (1969) e publicada in "Portos, Rotas e Comércio", II: 189-194, São Paulo, 1971, enumerei as fontes primárias, gerais e especializadas. Agora aqui apresento outras fontes também primárias, de outro gênero, porém não menos essenciais e não menos importantes para o levantamento e para a elaboração da história da medicina brasileira. Refiro-me à iconografia e ainda a outros tipos de fontes que poderiam ser arroladas, impropriamente talvez, como etnográficas e como arqueológicas, isto é, fontes que representam a cultura material antiga, ou que indicam a manifestação da atividade material no passado, atividade traduzida em monumentos, edifícios, construções, instrumentos, objetos e utensílios diversos. Tanto a iconografia como a epigrafia dos edifícios, dos instrumentos e utensílios são fontes primeiras para a história da medicina, como também o são os próprios monumentos, construções, edifícios e instrumentos, como se verá a seguir.

A). — *Iconografia.*

Em muitos dos seus marcantes aspectos, a patologia e a terapêutica no Brasil podem ser levantadas graças aos desenhos, gravuras, estampas e aquarelas dos séculos XVIII e XIX, principalmente, que mostram edifícios hospitalares, instrumental médico-cirúrgico e farmacêutico, interiores de boticas, interiores de consultórios, mons-

(*). — Comunicação apresentada na 2.ª sessão de estudos, Equipe D, no dia 6 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

tros ou indivíduos portadores de deformidades e más formações, ou ainda indivíduos exibindo sinais de doenças reinantes.

O francês Jean Baptiste Debret pintou em 1818 uma “loja de barbeiro”, que é uma fonte documentária de extraordinário interesse. Essa loja de princípios do século XIX pouco diferia das dos séculos anteriores. Continha todo o material necessário ao profissional que anunciava em letreiro copiado *ipsis litteris* por Debret: “barbeiro, cabeleireiro, sangrador, dentista e deitam bichas”. Nesse local o barbeiro exercia a profissão, recebia os clientes e amigos e com eles conversava, folgando. E à noite ali dormia, atento, pronto para atender aos chamados urgentes. É ainda de Debret a muito conhecida gravura onde se vê um negro com uma máscara de ferro. Usava-a para não “comer terra”. Esse negro era, sem dúvida, portador de ancilostomíase, a qual acarreta com frequência o sintoma da geofagia. Outra pintura de Debret — e a sua iconografia é muito boa para a história médica brasileira — é a do cirurgião negro, com a demonstração de aplicação de ventosas num paciente. Naturalistas viajantes viram e desenharam mulheres portadoras de bócio ou papo, indicando a região de incidência.

No diário que escreveu sobre a expedição do barão de Langsdorff, traduzido do francês pelo visconde de Taunay, o desenhista da expedição, Hércules Florence, inveni um debuxo do cirurgião paulista Francisco Álvares Machado e Vasconcelos apresentado em seu consultório em companhia da família, composta dele próprio, da mulher, do filho e da filha, que viria a se tornar a senhora Hércules Florence. Nesse desenho vê-se o necessário usado por um cirurgião da época.

Gravuras dos séculos XVIII e XIX mostram práticas médicas, práticas cirúrgicas e de higiene. E outras fontes iconográficas existem, bem conhecidas, como a tela pintada por Manuel de Araujo Pôrto Alegre, um quadro alegórico que representa o imperador Pedro I entregando ao diretor da então Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro o decreto que lhe concedia autonomia administrativa. Aliás, sobre esse acontecimento, que foi significativo, o gravador da Academia de Belas Artes, Zeferino Ferrer, cunhou medalha comemorativa com a efigie do imperador e a data de 1826. Entretanto, quanto à numismática, quanto a medalhas, moedas e mesmo medalhões que sirvam à história da antiga medicina, não há o que procurar, no Brasil.

Gravuras e desenhos que retratam profissionais da Arte médico-cirúrgica, e são encontradiços no país, revestem-se de interesse para

a história social e econômica e mesmo genealógica do médico e cirurgião. Mostram o aspecto fisionômico, os trajes, o corte do cabelo e da barba, os adornos usados. Valem para o aspecto social e econômico da história médica, tanto quanto valem para a antropologia.

Infelizmente, boa parte do material iconográfico ainda inédito a ser arrolado para o levantamento da história médica das diversas regiões brasileiras, está disperso e em mãos de particulares. Difícil serão a sua reunião e o seu aproveitamento.

B). — *Instrumentos, utensílios e objetos.*

Os instrumentos profissionais, os utensílios e quaisquer objetos utilizados pelos que se dedicaram à medicina através dos tempos, indicam com precisão a feição ou os aspectos assumidos pela Arte de curar em cada povo, em cada civilização. Aliás, a documentação material de uma civilização é sempre encarada como fonte primeira, como testemunha concreta, palpável, tangível, da história. Assim, a descoberta de trépanos de pedra permitiu evidenciar a prática da trepanação entre os povos primitivos, entre os homens do período neolítico, evidência aliás corroborada pelo encontro de crânios trepanados, com as bordas ósseas mostrando processo de cicatrização da ferida cirúrgica.

Revestem-se, então, de singular importância os instrumentos e objetos da prática médica em uso no Brasil nos séculos passados, objetos da prática cirúrgica e da prática farmacêutica porventura existentes ainda. Vale essa ressalva, porquanto infelizmente inexistem e nem houve no Brasil museus da Arte de Hipócrates, e tudo o que persistiu ou sobrou da destruição deve ser procurado em mãos de particulares ou nos depósitos dos velhos hospitais. Ferros cirúrgicos, instrumentos para a sangria, facas para a circuncisão, sondas de esvaziamento, ferros para cauterização de ferimentos e feridas, instrumentos litotritadores para a chamada “operação da pedra na bexiga”, modelos arcaicos de estetoscópios, como este que agora exhibo, de minha coleção, próprios para a ausculta de órgãos como o coração e os pulmões, tipos obsoletos de seringa para injeções e intilações, ventosas de vários formatos, potes, boiões e vasos de louça para a guarda de medicamentos, quase todos com inscrições gravadas, alguns deles peças artísticas e de fina louça; grandes frascos, bojudos, que serviram para a conservação das sanguessugas, caixas de medicamentos, ou “caixas de botica”, tanto alopatas como homeopatas, verdadeiras farmácias ambulantes, documentário material, concreto, da terapêutica da época.

Utensílios e objetos auxiliares, para médicos ou de enfermagem, são igualmente valiosos para o conhecimento dos cuidados de higiene e asseio, e até para o estudo dos hábitos sociais. Neste caso, apontam-se as retretes ou tipos de cadeiras abertas no assento e destinadas à exoneração dos intestinos, encontradiços hoje em museus europeus. certas bacias especiais para pedilúvios e para semicúpios, isto é, para respectivamente banhos nos pés e banhos de assento, prescritos pelos profissionais da medicina e onde à água quente adicionava-se medicamento vegetal ou mineral.

Os relatos do passado, arrolados em minha comunicação anterior, já citada, enumeraram ou continham alusão aos instrumentos e utensílios. Geralmente mencionavam, não descreviam. Tenho procurado, mas até agora não encontrei aquêles com certeza usados nos séculos XVI e XVII. Já os oriundos dos séculos XVIII e XIX podem ainda ser encontrados, embora raros e mal conservados, em enfermarias dos seculares conventos religiosos, nos depósitos das mais antigas Santas Casas de Misericórdia, ou ainda em poder de particulares.

Que melhor fonte documentária para tornar conhecida a cirurgia predativa, mutiladora e deformadora dos séculos passados, do que um velho estojo de cirurgia como este que data de 1851, de minha coleção e que agora mostro aos senhores simposiastas? E' um estojo completo, de instrumentos com o cabo da madeira e a lâmina de puro aço da fábrica francesa "Charrière", não mais existente, mas que foi de renome em Paris, em meados do século passado. Aí estão todos os instrumentos então usados na Arte cirúrgica do século XIX, aliás o tipo de Arte que prevaleceu no Brasil até princípios do atual século. Constantes de *legras* ou *rugines* (raspadores), serras, alicates, torqueses, bisturis, tesouras, facas musculares, facas interósseas, esses ferros certamente não sugerem cirurgia conservadora, plástica, substitutiva, cirurgia essa de fato então desconhecida, mas esses ferros comprovam e indicam a cirurgia da época, amputadora, lancetadora, mutiladora, extrativa.

Os potes e vasos de medicamentos, alguns podendo ser encarados como obras-primas de cerâmica, hoje em dia ornam coleções particulares, havendo ainda muitos nas farmácias dos antigos hospitais e dos antigos conventos. Esses potes são verdadeira farmacopéia em lonça. Com os nomes dos medicamentos neles gravados, mostram à saciedade e comprovadamente quais os símplices e os compostos, isto é, quais os medicamentos em voga no tempo, componentes dos récipes, das prescrições. Mostram tanto os remédios importados como aqueles provenientes da flora medicinal nativa. E o mesmo se diga das "caixas de botica", caixas de madeira que continham os remé-

dios e que eram transportadas pelos profissionais ou conservadas nas casas de família.

Esses instrumentos, esses utensílios e objetos, como boas fontes que são, se procurados e se encontrados, nas diversas regiões do país, permitirão documentar o desenvolvimento da Arte médico-cirúrgica, desenvolvimento que seria desigual e peculiar a cada antiga capitania ou província. Sabe-se que até agora existem publicadas apenas quatro monografias referentes à história médica, respectivamente, de Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Paraná. Convirá, pois, que os futuros historiadores não percam de vista, não olvidem a importância das fontes ora apontadas, quando elaborarem os históricos regionais.

C). — *Edifícios, construções e restos materiais.*

Os antigos edifícios hospitalares porventura ainda existentes certamente sugerem os aspectos assumidos pela assistência hospitalar no país. Os restos escavados e as reconstituições dos antigo templo dedicados aos deuses médicos, permitiram recompor e apontar a assistência médica na Antiguidade clássica, com os locais para os jejuns propiciatórios, os banhos medicinais e lustrais, os sacrifícios e as prescrições mágico-medicinais. No Brasil, o que sugere o estudo dos antigos nosocômios? Sugere que foram, apenas, depósito de doentes, locais que os enfermos, tanto pobres como abonados, procuravam somente para morrer, depois de desenganados em suas próprias habitações. O exame das instalações dos velhos nosocômios permite concluir pela precariedade dos meios curativos. E permite garantir que até os atos cirúrgicos eram realizados nas enfermarias. Sabe-se, aliás, que as salas de cirurgia só começaram a ser construídas nos hospitais brasileiros a partir das primeiras décadas do século XX. Não há dúvida de que a observação cuidadosa das instalações hospitalares brasileiras dos séculos passados muito acrescentará ao conhecimento da arte médico-cirúrgica e da enfermagem.

Restam hoje raríssimos edifícios, raríssimas instalações. O tempo destruiu ou foram derrubados por obsoletos. O imponente e vasto edifício da Misericórdia do Rio de Janeiro, em Santa Luzia, e que data de meados do século XIX, é um precioso documento em suas grossas paredes e em suas instalações, reformadas, é verdade, mas ainda mostrando aspectos significativos da medicina que lá se praticou. Outra fonte documentária de igual valor é a Santa Casa de Misericórdia do Salvador da Bahia.

Monumentos de cunho médico, bustos de mármore ou bronze, e templos para práticas religiosas e médicas, não existiram no Brasil,

como se sabe. Será, portanto, nas enfermarias de antigos conventos ainda existentes e em seculares edifícios hospitalares que o pesquisador irá encontrar muitos dados para o levantamento da história médica.

As múmias egípcias e as incaicas são precioso documentário para a patologia. O exame anátomo-patológico e o radiográfico dos corpos mumificados permitiram a observação de doenças reinantes, como a tuberculose, a schistosomose. No Brasil, a observação de ossos de antiguidade comprovada, encontrados em túmulos dos séculos XVII, XVIII e XIX, mostrará diversas afecções, por certo. Os esqueletos ultimamente encontrados em urnas funerárias indígenas, os esqueletos de tumbas seculares, como os que há pouco foram descobertos no Norte do país, deveriam ser observados por pesquisadores especializados antes de serem encaminhados aos museus de antropologia.

Não tenho notícia de museus médico-farmacêuticos no país. Se existem, permanecem ignorados. Na Europa há diversos e valiosos, como o da Faculdade de Medicina do Porto, em Portugal, como o de Cluny, em França. E o do Palácio Real de Madrid, onde o visitante depara até com medicamentos medievais, genuínos e bem conservados, como a pedra bezoar e outros que tais. No Brasil alguma coisa haveria para ser coletada, colecionada e exposta em mostra especializada. Creio que não será obra para meus dias. Tenho, entretanto, para mim, que ainda há no Brasil material salvo da destruição, fonte concreta da história médica, que poderia ser reunido se ao problema se dedicasse alguma instituição ou alguma universidade.

*

* *

INTERVENÇÕES.

Da Profa. *Maria Lúcia Rangel Ricci* (FFCL-UCC. Campinas. São Paulo).

Afirma que gostaria de saber da validade e utilização dos álbuns de família para tal análise. Em caso positivo, solicita alguma notícia de alguma coisa na região de Campinas, uma vez que lhe parecem ter sido desaparecidos ou melhor destruídos. Pergunta também qual era a “anestesia” usada nas operações, se é que se poderia dar esse nome à alguma coisa dada aos pacientes.

*

Da Profa. *Jeanne Berrance de Castro* (FFCL-Rio Claro. São Paulo).

Pergunta: até onde a Medicina e o Curandeirismo se encontravam? Qual a anestesia usada e de que tipo? Arguiu também sobre o problema das boticas.

*

Da Profa. *Júlia Maria Leonor Scarano* (FFCL-Rio Claro. São Paulo).

Diz que todos sabem que as Associações ou Irmandades das Misericórdias existiam em muitas vilas brasileiras da época colonial. Existiam nelas médicos ou conhecedores de Medicina, ou melhor, como funcionavam elas?

*

Do Prof. *Odilon Nogueira de Matos* (FFCL-UCC. Campinas. São Paulo).

Indaga sobre o interesse da literatura dos viajantes como depoimento para a História da Medicina no Brasil. Observa que muitos desses viajantes eram naturalistas, formados em Medicina. E que outros, mesmo não sendo médicos, interessavam-se pelo assunto.

*

* *

RESPOSTA SDO PROFESSOR LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO.

À Profa. *Maria Lúcia Rangel Ricci*.

Diz que a iconografia existe ainda, neste particular. Há desenhos e fotografias de médicos que mostravam qual a posição econômica e social dos retratados ou desenhados, ou ainda outros aspectos.

A anestesia, continua, foi descoberta em 1846 e já empregada no Brasil em 1848. Entretanto, poucos se atreviam a usá-la, pois não se podendo dosar o clorofórmio, o paciente “também” morria da anestesia.

*

À Profa. *Jeanne Berranca de Castro*.

Afirma que não há divisão ou separação possível entre Medicina e Curandeirismo nos séculos passados, no Brasil. E como “de médico e de louco cada um tem um pouco”, até hoje persiste a indecisão...

Quanto à anestesia já respondeu mais acima. As boticas, entretanto, eram artísticas e até o século XIX conservavam o mesmo aspecto das boticas medievais. Eram raras no Brasil, mas as poucas existentes mostravam estantes bonitas, artísticas, enfeitadas com belos potes de bonita louça, frascos coloridos e frascos contendo as “bichas” ou sanguessugas, além de utensílios e uma ou outra farmacopéia.

*

À Profa. *Júlia Maria Leonor Scarano*.

Esclarece que já no século XVI foram fundadas e funcionaram Santas Casas de Misericórdia nas principais vilas brasileiras. A data de fundação de cada uma delas é questão controversa e ainda por esclarecer. Nas Santas Casas só exerciam a profissão raros físicos (médicos) e os cirurgiões-barbeiros autorizados ou diplomados. Curadores não tinham entrada nos hospitais da Misericórdia. Exerciam o mister fora dos hospitais e sob as vistas complacentes das autoridades.

*

Ao Prof. *Odilon Nogueira de Matos*.

Diz que o interpelante tem toda razão quando encarece o valor dos depoimentos dos naturalistas-viajantes. Realmente, esses depoimentos têm tanto interesse para a patologia e a terapêutica do século XIX, quanto tivera mas “Cartas Jesuíticas” e a “Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil” para a patologia e a terapêutica dos séculos XVI e XVII no Brasil.